

Hospital sofre sem leitos

Se quiser alcançar o objetivo a que se propôs em um dos 50 compromissos de campanha registrados em cartório o governador Joaquim Roriz terá de construir muitos hospitais. Ele prometeu "buscar a proporção de cinco leitos para cada um mil habitantes em todas as regiões do Distrito Federal". O único hospital público de Ceilândia tem 162 leitos, e isto significa que, num cálculo modesto, seria necessário criar mais 2.838 vagas, ou 17 hospitais idênticos ao existente.

Este é o número a que chegamos, considerando uma população de 600 mil habitantes. Na opinião do diretor do HRC, Antônio Coelho, uma estimativa deveria levar em conta pelo menos a metade dos 200 mil habitantes de Samambaia. Para não falar dos "hóspedes", que ocupam leitos além da necessidade real e de pessoas que vêm de longe em busca de socorro. À zero hora de quinta-feira, por exemplo, uma anciã encolhia o corpo esquálido, mí-

nimo, deitando-se em posição fetal sobre um banco de madeira.

Alívio

Melânia Pinho Monteiro, como se chama a frágil senhora, percorreu cerca de 300 quilômetros, em busca de alívio para os vômitos e tonturas que a afligem. Veio de Quebra-linha, um distrito de Ni-quelândia, no Norte de Goiás. Passou por Brazlândia, onde tem parentes, mas não encontrou vaga no hospital. Conseguiu ser atendida em 40 minutos, porque seu estado parecia grave, no HRC. Fez exame de sangue e esperou o resultado deitada no banco de madeira. Depois, foi removida para a grande enfermaria em que a carência de leitos converteu o Pronto-Socorro. De manhã, dormia tranqüila em uma maca colocada no corredor, e ajudava a compor os 40% de pacientes de fora, que, pela estimativa da Secretaria da Saúde, são atendidos nos hospitais do DF. (M.C.).